



Mulheres que fazem Ciência. Você as conhece?¹

XAVIER, Josilda B.L.M.²

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Ser cientista! Quantas mulheres, ao longo do tempo histórico conhecido, sonharam em solucionar os problemas cotidianos, enquanto cientistas, e realizaram esse sonho? Quantas mulheres cientistas você, caríssima(o) leitora(a), seria capaz de citar? Quantos Prêmios Nobel foram conquistados por mulheres?

No imaginário infantil, para as meninas filhas de trabalhadores, ser professora, muitas vezes, era o mais próximo de “ser cientista” que se podia sonhar. Afinal, para ser professora é preciso estudar muito, conhecer sobre culturas, arte, filosofia, psicologia etc., além de dominar o conteúdo da sua especialidade (Ciências Naturais, Matemática, História, Geografia, Língua Portuguesa).

Há algum tempo, movimentos feministas têm trabalhado para retirar da invisibilidade toda a produção e potencialidade das mulheres no fazer científico. No Brasil, em pesquisas realizadas, verifica-se que é dentro das universidades públicas que boa parte da ciência acontece, de certa forma, corroborando com a percepção intuitiva das meninas, confirmando que ser professora as aproximavam desse mundo que parecia só aos homens ser permitido o acesso. Portanto, olhar para a presença e importância da mulher na universidade, é um

¹ Texto publicado no **BioBlog / LabCriat – Umbuzeiro**, em 5 de março de 2021. Disponível em: <https://www.labcriatumbuzeiro.com/>

² Docente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/DEDC-Campus VIII, no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0838920937933125>



jeito de enxergar, com “olhos de ver”, como tem caminhado a representatividade feminina na academia, no mundo científico.

As mulheres cientistas que conseguiram realizar seus sonhos, “mostram que é possível lutar pela igualdade de espaço nas ciências para homens e mulheres, brancos, negros, indígenas, pessoas de todas as cores e todos os níveis sociais. São pesquisadoras diferentes entre si, mas também iguais, se considerarmos que praticamente todas as trajetórias são marcadas por desafios superados. Eles vão da insistência em pesquisar remédios pouco lucrativos para a indústria farmacêutica, passando pelo desejo de conciliar vocações aparentemente diferentes, até o maior deles: o preconceito, às vezes pelo simples fato de serem do sexo feminino. (RIBEIRO; FAGUNDES, 2019).

Se mulheres brancas, de classe socioeconômica alta / média, tiveram dificuldades em seus percursos profissionais ao enfrentar preconceitos machistas, às vezes chegando à misoginia, imaginemos o quanto foi e ainda tem sido difícil para mulheres negras e pobres? Entre tantas mulheres pesquisadoras que tem procurado retirar o “véu” da invisibilidade sobre a produção científica de mulheres negras no Brasil, Pinheiro (2020) ressalta que em seus estudos, iniciados em 2015, verificou que havia “uma história silenciada, produções científico-tecnológicas pilhadas, uma intelectualidade ancestral negada”, e que era necessário fazer algo para que a população negra, principalmente as mulheres negras também acessassem o conhecimento científico, e o fazer ciência que ela, a autora, estava produzindo e tendo acesso.

O dia 8 de março, desde 1975, instituído pela ONU, tem-se dedicado uma atenção especial às mulheres, dando seguimento a ideia de uma celebração anual sugerida pelo “Partido Socialista da América [que] organizou o dia da mulher, em 20 de fevereiro de 1909, em Nova York, [em] uma jornada de



manifestação pela igualdade de direitos civis, melhores condições de vida e em favor do voto feminino” (WIKIPÉDIA, s/d).

Nesse contexto, o **Laboratório Criativo Umbuzeiro - Ciência no Ciberespaço**, enfatiza a importância da luta das mulheres pelo direito de serem tratadas de forma igualitária, em relação aos homens, “seja na política, seja em outros campos da vida, como o mercado de trabalho e as próprias relações privadas” (COELHO, 2019), travada desde o final do século XIX. O **LabCriat-Umbuzeiro** destaca algumas mulheres que, a seu modo, revolucionaram e continuam a revolucionar o fazer científico.

A todas as mulheres que ousam fazer Ciências, colocando em suas ações toda a subjetividade que carregam em si (mães, filhas, companheiras, amigas, avós), com suavidade e determinação, na busca de soluções para os problemas que se apresentam em nosso cotidiano, nossa homenagem, representadas em cada uma das oito CIENTISTAS/PESQUISADORAS brasileiras, em destaque abaixo:



Odília Teixeira Lavigne (1884 - ?)

Primeira médica negra formada no Brasil, nasceu no dia 05 de março de 1884, em São Félix do Paraguassu, no Recôncavo baiano. Filha do médico Dr. José Pereira, homem honrado e dedicado a profissão, mas de origem pobre e que, por ser negro, não conseguia pacientes. Dra. Odília Teixeira se formou na Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB), em 1909. Para concluir o curso, escreveu e defendeu uma Tese de Doutorado sobre Cirrose Hepática Alcólica, doença que desde o início do século XX atingia a população afro-brasileira. (PINHEIRO, 2020; FAMEB / UFBA, s/d).



Natália Oliveira (Bióloga - Perita Criminal em Pernambuco)

Doutora em Biologia (Universidade de Cambridge – UK), atua na área da Genética Forense, importante para o trabalho da polícia científica. Inventou uma tecnologia portátil que permite detectar fluidos do corpo humano, como sangue e saliva, além de drogas ilegais: a cocaína, por exemplo. Mesmo que já existam recursos avançados para esse tipo de diagnóstico, ela pesquisou maneiras mais práticas, rápidas e baratas de se fazer isso.

Em 2017, foi finalista do concurso *Dance Your Ph.D* (Dance seu Ph.D), organizado pela *Science*, uma das mais importantes revistas científicas do mundo. No concurso procurou unir a ciência e a arte (Dança Vogue) para explicar um trabalho científico de um jeito que a população em geral entendesse, numa linguagem que permitisse a qualquer pessoa ter uma conexão visual com o que estava sendo apresentado e pensasse “caramba isso é ciência!” (RIBEIRO; FAGUNDES, 2019).



Joana D'arc Félix de Souza (Escola Técnica Estadual Prof. Carmelino Corrêa Júnior, em Franca-SP.)

Doutora em Ciências pela Unicamp, colecionadora de 62 prêmios na área de Química, entre eles o Prêmio Kurt Politzer de Tecnologia de “Pesquisadora do ano” em 2014. Possui 15 patentes registradas.

Atualmente faz pesquisa com resíduos do setor coureiro-calçadista; desenvolveu uma pele artificial similar à pele humana para ser usada em queimaduras e transplantes. Produziu colágeno para o tratamento de osteoporose e osteoartrite, cimento ósseo para reconstituir fraturas e fertilizantes e tecnologias que estão sendo transferidas para a indústria. (PINHEIRO, 2020).



Juliana Estradioto (IFRS – Ensino Médio)

Recém-formada no ensino médio pelo IFRS, Juliana Estradioto criou um plástico biodegradável feito a partir da casca do maracujá. Além da casca de maracujá também desenvolveu uma solução para o descarte de cascas de macadâmias: uma membrana parecida com plástico. Essa membrana poderá ser usada tanto na confecção de tecidos e roupas como também na medicina, como pele e veias artificiais.

Única brasileira a ter um asteroide com seu nome, fruto de um prêmio internacional que recebeu por suas descobertas. Também tem o projeto “Meninas Cientistas” que divulga jovens meninas que fazem ciência. (NUNES, 2020)



Taynara Alves

Formada em Química pela Universidade Federal do ABC – UFABC, e em Gestão de Negócios e Inovação da Faculdade de Tecnologia do Estado (Fatec) e criadora da InQuímica.

Como trabalho de conclusão de curso (TCC) da faculdade, Taynara desenvolveu uma solução líquida que remove os agrotóxicos de vegetais e frutas. Agora, ela empreende com este produto, batizado de ‘Puro e Bom’, e que tem um diferencial. Ele permite uma limpeza profunda, capaz de remover até 85% dos metais pesados e substâncias químicas presentes nos alimentos, que podem ser prejudiciais à saúde. (PINHEIRO, 2020; GOMES, 2019).



Rosaly Lopes (Astrônoma e Vulcanóloga da NASA)

Nascida no Rio de Janeiro, Dra. Rosaly Lopes foi citada no Guinness Book, o livro dos recordes, por ter descoberto 71 vulcões no satélite Io, do planeta Júpiter. Em solo terrestre, já esteve nas crateras de vários vulcões, como o imponente Vesúvio, na Itália.

Desde a década de 1980, trabalha no Laboratório de Propulsão a Jato da NASA /USA, onde chegou à gerência do Departamento de Ciência Planetária.

Atualmente, é, também, editora da Revista Ícarus, uma das mais respeitadas publicações científicas em todo o mundo. (REBEIRO; FAGUNDES, 2019).



Ester Cerdeira Sabino (IMT/USP) e Jaqueline Goes de Jesus (FMUSP)

Lideraram uma equipe composta por 10 mulheres e um homem que realizou o sequenciamento do RNA do coronavírus SARS-CoV-2, em parceria com o Instituto Adolfo Lutz, responsável pelas contraprovas das infecções no estado de São Paulo, em apenas 48h. O sequenciamento realizado auxilia na compreensão da dispersão do coronavírus e detectar mutações que possam alterar a evolução da doença, e no desenvolvimento de tratamentos e vacinas.

Profa. Dra. Ester C. Sabino, além de professora e pesquisadora é também consultora do Programa Nacional de DST/AIDS e da Coordenação de Sangue e Hemoderivados. Desenvolve também várias pesquisas importantes sobre segurança transfusional, doença de Chagas, diversidade genética do HIV e anemia falciforme.

Prof. Dra. Jaqueline G. de Jesus desenvolve pesquisas na área das arboviroses emergentes, como por exemplo a dengue tipo 2 e o Zika vírus. É integrante do ZIBRA Consortium e participa do ZIBRA project (Zika in Brazil Real Time Analysis), projeto itinerante de mapeamento genômico do vírus Zika no Brasil. (NUNES, 2020)



REFERÊNCIA

COELHO, Marcus Vinícius Furtado. **A igualdade de gênero como vetor constitucional**. Consultor Jurídico. 17 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2019-fev-17/constituicao-igualdade-genero-vetor-constitucional>

GOMES, Karol. **Pesquisadora química cria produto que remove agrotóxicos dos alimentos e chama atenção no mercado**. Portal do Geledés. 13/11/2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/pesquisadora-quimica-cria-produto-que-remove-agrotoxicos-dos-alimentos-e-chama-atencao-no-mercado/>

NUNES, Teresa. **Cientistas brasileiras: Mulheres na ciência**. Pós-Graduando. 8 de março de 2020. Disponível em: <https://posgraduando.com/cientistas-brasileiras-mulheres-na-ciencia/>

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Descolonizando Saberes** – Mulheres negras na Ciência. – São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020. – (Coleção culturas, direitos humanos e diversidade na educação em ciências)

RIBEIRO, Alessandra; FAGUNDES, Vanessa. (Org.) **Mulheres fazem Ciência**. Dez cientistas, muitas histórias. Vol. 1. FAPEMIG. 1ª Edição. 2019. Disponível em: https://fapemig.br/media/filer_public/46/38/46383023-3210-4dc6-96e0-ce50314c4c3c/cientistas_mulheres_v3.pdf

WIKIPÉDIA – **Dia Internacional da Mulher**. s/d. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Dia_Internacional_da_Mulher